

Editorial

Abrir a janela nem sempre é um gesto simples. Às vezes, ela emperra. Outras vezes, somos nós que hesitamos. Há dias em que preferimos o abrigo das paredes; em outros, sentimos que é preciso deixar o mundo entrar, mesmo com todo o barulho que ele carrega. Esta coletânea de crônicas nos convida justamente a esse movimento: olhar para fora sem abandonar o que nos constitui por dentro. Se, na edição anterior, a casa apareceu como abrigo e memória, agora ela se transforma em ponto de abertura. É da casa que observamos o mundo e é por meio dela que o mundo nos atravessa.

As crônicas reunidas neste volume nascem desse encontro entre interior e exterior. São textos que partem de experiências íntimas — a infância, a família, os afetos, os medos, os pequenos acontecimentos do cotidiano —, mas que, ao serem narrados, se abrem para o outro. Em cada história, há uma janela: ora voltada para o passado, ora para o presente, ora para aquilo que ainda está por vir.

Ao acompanhar essas narrativas, percebemos que a casa continua sendo um espaço central, mas já não é apenas refúgio. Ela é também ponto de escuta, de observação e de deslocamento. Pela fresta da memória, entram risos, perdas, reencontros e descobertas. Pela porta que não protege, pela sala onde o tempo parecia parar, pela luminária que guarda um pedaço do céu, pela televisão que reconecta histórias, pelas marmitas que revelam rotinas e pela cadeira que desafia até as leis da física, vemos como o cotidiano se transforma em linguagem.

E é justamente aí que o tema se concretiza: linguagem é interação. Cada crônica não apenas conta uma história, mas responde a outras vozes, dialoga com experiências compartilhadas e constrói sentidos que ultrapassam o individual. Escrever, aqui, é abrir uma janela. Ler também.

Vivemos em um tempo em que o mundo chega até nós por múltiplas janelas: as telas, as notícias, as redes, os encontros inesperados. Mas este volume nos lembra que há outras formas de abertura, mais silenciosas e profundas. Abrir a janela pode ser lembrar. Pode ser rir de si mesmo. Pode ser reconhecer o outro nas pequenas coisas. Pode ser, simplesmente, continuar.

As crônicas foram produzidas por estudantes do curso de Pedagogia, do Centro de Educação da UFPB, Campus I, na disciplina de Linguagem e Interação (noturno), no semestre 2025.2. São textos que carregam marcas de quem escreve aprendendo: há tentativas, escolhas, riscos e descobertas. E é justamente isso que lhes dá vida.

Se, ao longo da leitura, você encontrar imperfeições, pausas inesperadas ou caminhos ainda em construção, não estranhe. São frestas. E é por elas que a escrita respira e as histórias acontecem.

Equipe Editorial